

O USO DO MODO IMPERATIVO EM REVISTAS EM QUADRINHOS DO MENINO MALUQUINHO

Jeferson da Silva Alves*

RESUMO: Neste artigo, analisar-se-á o uso do modo imperativo em suas variantes: indicativa e subjuntiva, em *corpus* constituído de diálogos de revistas em quadrinhos do Menino Maluquinho, em contexto discursivo exclusivo do pronome *você*, contexto em que a tradição gramatical prescreve categoricamente o uso da variante subjuntiva. À luz da teoria da Variação Sociolingüística Quantitativa, modelo Laboviano, considerar-se-á a influência das variáveis independentes: i) Polaridade da estrutura; ii) Ausência e presença (tipo) de clítico; iii) Paradigma verbal e iv) Conjugação verbal. Para a análise estatística do fenômeno lingüístico, submeter-se-á os dados ao pacote de programas de regras variáveis *GoldVarb 2.0* que relaciona às formas variantes aos contextos lingüísticos (variáveis independentes) envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Uso do modo imperativo; Variação lingüística; Revistas em quadrinhos.

ABSTRACT: *In this article, the use in the imperative way in its variants will be analyzed: indicative and subjunctive, in consisting corpus of dialogs of Comic books of the Menino Maluquinho, in exclusive discursive context of the pronoun você, context where the grammatical tradition categorically prescribes the use of the subjunctive variant. To the light of the theory of Quantitative the Sociolinguistic Variation, Laboviano model, it will be considered influence of the independent variable: i) Polarity of the structure; ii) Absence and presence (type) of pronoun; iii) Verbal paradigm and iv) Verbal conjugation. For the analysis statistics of the linguistic phenomenon, one will submit the data to the package of programs of changeable rules GoldVarb 2.0 that it relates to the variant forms to the linguistic contexts (changeable independent) involved.*

KEY WORDS: *Use in the imperative way; Linguistic variation; Comic books.*

1. Palavras iniciais

As sentenças em (1) e (2) ilustram a variação no uso do modo imperativo no português brasileiro (PB) falado e em alguns contextos de escrita [+ *dialogada*] – como é o caso das Histórias em Quadrinhos (HQ) produzidas em algumas regiões do país.

(1) Imperativo associado ao modo indicativo

* PUC-MG/PREPES.

(1a) **Disfarça**, Bocão! Vem vindo duas gatinhas em nossa direção (*Agarrem essa planta!*).

(1b) Não se **preocupa** filho! É só uma verruginha... (Adaptado de *E aí?! Vai ficar parado?*)

(2) Imperativo associado ao modo subjuntivo

(2a) **Coma** mais pizza, filho! Você está acima do peso! (*Pedala, Maluquinho*)

(2b) Não **faça** isso, moça! Detesto ver menina chorando! (*Que cabelo doidão é esse?*)

No português brasileiro, podemos encontrar as quatro possibilidades supracitadas para expressar *ordens* e *proibições* (em co-ocorrência) com preferência por uma variante ou outra, como demonstram pesquisas,¹ a depender da região geográfica: 1) Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste: preferência pelas formas associadas ao modo indicativo (cant**A**, beb**E**, part**E**) e 2) Região Nordeste: preferência pelas formas associadas ao modo subjuntivo (cant**E**, beb**A** e part**A**).

As gramáticas normativo/prescritivas² aceitam as duas possibilidades de uso para expressão variável do imperativo, excetuando o imperativo associado à forma do indicativo na polaridade negativa como no exemplo em (1b).

Como prescreve a tradição gramatical, o imperativo é um modo verbal derivado de outros dois modos verbais: presente do indicativo e presente do subjuntivo. Veremos, a seguir, sob a ótica da tradição gramatical, as especificações para o uso do modo imperativo:

a) A segunda pessoa do singular *tu* e a segunda pessoa do plural *vós* (na polaridade afirmativa) são derivadas do presente do indicativo, suprimindo o –S final;

¹ Seguem em ordem alfabética os trabalhos produzidos sobre o imperativo e utilizados para o auxílio na confecção desse trabalho: Alves; Alves (2005; 2006a; 2007); Alves (2006; 2008); Andrade; Melo; Scherre (2007); Borges (2005); Cardoso (2003); Cardoso (2007); Jesus (2006); Reis (2005); Sampaio (2001); Santos (2007a; 2007b); Scherre (2002; 2003; 2004; 2005; 2007); Scherre; Cardoso; Lunguinho (2005); Scherre et alli (1998; 2000; 2005; 2006); Smaniotto (2005).

² Cf. Bechara (1999); Cegalla (2002); Cipro Neto; Infante (1998); Cunha; Cintra (2001); Faraco; Moura; (2002); Rocha Lima (2001); Sacconi (1994); Tufano (1997).

b) Para as demais pessoas e para os pronomes chamados de “tratamento” (como o pronome *você*, por exemplo) assim como todas as posições do imperativo na polaridade negativa derivam do presente do subjuntivo.

2. Contexto discursivo das revistas em quadrinhos do Menino Maluquinho

O contexto discursivo dos diálogos das HQ do Menino Maluquinho é de uso exclusivo do pronome *você*, contexto em que a tradição gramatical prescreve o uso do modo imperativo associado às formas do subjuntivo (cantE, bebA, partA) tanto para polaridade afirmativa quanto para polaridade negativa. Contudo, percebemos o uso do imperativo associado ao indicativo com frequência global de 72.4% em estruturas afirmativas e negativas como demonstraremos no corpo deste trabalho.

Portanto, em se tratando do uso do modo imperativo, não se tem relação muito clara no que diz respeito ao uso do *tu* ou *você* como prescreve a tradição gramatical. Como demonstram as análises em grande parte do território brasileiro, as formas associadas ao indicativo são as formas que gozam de mais prestígio social, já que, como sabemos, a região Nordeste é estigmatizada e sofre muito preconceito lingüístico, muitas vezes caricaturado na mídia, fortalecendo mais ainda a visão preconceituosa em relação a tais falantes. Assim sendo, “a variação do imperativo é um fenômeno que nos ajuda[rá] a concretizar a idéia de que este preconceito não é fruto da defesa pelas formas que seriam gramaticalmente corretas, mas sim de uma perseguição às formas estigmatizadas” (ANDRADE; MELO; SCHERE; 2007, p. 11). O critério para se estigmatizar uma variante, segundo Andrade, Melo e Scherre (2007, p. 11), “não é o seu grau de aproximação à norma gramatical: o critério é, sem dúvida, a classe ou comunidade social onde esta se manifesta”.

3. Metodologia de análise

Os diálogos analisados na presente investigação fazem parte do gênero textual história em quadrinhos (HQ) e “apresenta[m] situações de diálogo num registro muito próximo ao da linguagem popular [...] resultando em um texto mais espontâneo e, conseqüentemente,

aproximando-se da linguagem falada” (SMANIOTTO; 2005, p. 62). Ademais de Smaniotto (2005), outros pesquisadores fazem análise lingüística do modo imperativo em HQ³ brasileiras ou traduzidas à língua portuguesa. Segundo a autora supracitada, a “análise de história em quadrinhos poderá delinear os rumos que a variação do imperativo tem tomado tanto na fala como na escrita” (SMANIOTTO; 2005, p. 72).

Como já foi explicitado anteriormente, os diálogos analisados nesta pesquisa fazem parte do gênero textual história em quadrinhos e segundo Menon et alli:

As HQ devem, também, merecer destaque no tocante ao papel que têm: muitas vezes, é o único tipo de leitura de alguns grupos sociais. E, nesse aspecto, o português aí veiculado também se reveste de importância: enquanto manifestação lingüística de uma comunidade, num determinado tempo e espaço, essa linguagem, ao ser registrada, reveste-se de significado na medida em que os textos devolvem a seus leitores as formas lingüísticas por eles utilizadas. Nesse processo eles se tornam agentes importantes na disseminação da diversidade oral, e por que não, no processo de mudança lingüística (MENON et alli; 2003 apud SMANIOTTO; 2005, p. 79).

As HQ, por serem textos “escritos” muito próximos da oralidade, sofrem variação e mudança lingüística e segundo Tarallo (2002), “nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. [Ou seja], mudança é variação!”.

A mudança lingüística se dá de maneira contínua, porém, lenta e gradual. Por tanto, as HQ por serem textos bastante férteis em relação a elementos muito presentes na oralidade são mais passíveis à variação e mudança lingüística que outros tipos de textos escritos, por isso, adotamos para a análise do uso do modo imperativo a metodologia Sociolingüística Laboviana.⁴ Nosso principal objetivo é analisar quantitativamente as variáveis lingüísticas (independentes) envolvidas no fenômeno em questão em diálogos extraídos de 9 revistas em quadrinhos do Menino Maluquinho,⁵ do autor Ziraldo, publicadas no ano de 2007. As variáveis lingüísticas

³ Outros pesquisadores brasileiros fazem análise lingüística do modo imperativo em histórias em quadrinhos brasileiras e traduzidas: Alves (2006; 2008); Andrade; Melo; Scherre (2007); Borges (2005); Scherre (2003; 2005); Smaniotto (2005).

⁴ Cf. Weinreich; Labov; Herzog (1968; 2006); Labov (1975; 1981) Sankoff (1988a). O pressuposto básico dessa teoria associa à estrutura lingüística a noção de heterogeneidade ordenada: a concepção de língua é inerentemente variável e a suposta variação livre é vista como passível de descrição sistemática, em função de restrições lingüísticas e não-lingüísticas (variáveis sociais, por exemplo).

⁵ Seguem as revistas que foram utilizadas: *O Menino Maluquinho* (Agarrem essa planta!) junho 2007 – nº 23; *Julieta, a Menina Maluquinha* (Chega de criança!) junho 2007 – nº 23; *Junim* (Que cabelo doidão é esse?) agosto

foram submetidas ao pacote de programas de regras variáveis *GoldVarb 2.0*,⁶ a saber: **1.** Polaridade da estrutura – afirmativa e negativa; **2.** Ausência e presença (tipo) de clítico **3.** Paradigma verbal – regular e irregular e **4.** Conjugação verbal – 1ª conjugação, 2ª conjugação e 3ª conjugação.

4. Análise dos dados

Em nossa análise, iniciaremos fazendo o levantamento global das ocorrências de estruturas imperativas encontradas nos diálogos das histórias em quadrinhos do Menino Maluquinho levando em consideração as variantes associadas ao modo indicativo e ao modo subjuntivo.

Tabela 1: Ocorrências do modo imperativo no corpus.

Variante	Aplicativo/Total	Frequência
Indicativo	244/337	72.4%
Subjuntivo	93/337	27.6%

Percebe-se, a partir da análise da tabela 1, que a preferência para a expressão variável do imperativo singular presente nos diálogos das HQ do Menino Maluquinho se configura em maior parte pelas formas associadas ao indicativo com 244 ocorrências em frequência de 72.4% do tipo: (3) **Fala** logo! (*Agarrem essa planta!*) e (4) Nem me **fala**! (*Que cabelo doidão é esse?*). Encontramos, entretanto, 93 ocorrências (27.6%) de estruturas associadas ao modo subjuntivo do tipo: (5) E **fique** sabendo que eu já tenho outro em minha vida! (*Que cabelo doidão é esse?*) e (6) Não **faça** isso, moça! Detesto ver menina chorando! (*Que cabelo doidão é esse?*).

A seguir, analisaremos as variáveis independentes: 1) Polaridade da estrutura; 2) Ausência e presença (tipo) de clítico; 3) Paradigma verbal e 4) Conjugação verbal. Ademais dessas, faremos uma breve consideração sobre a variação linguística no uso do modo imperativo em outras histórias em quadrinhos brasileiras.

2007 – nº 02; *O Menino Maluquinho* (Pedala, Maluquinho) novembro 2007 – nº 28; *O Menino Maluquinho* (Caçadores de etê!) setembro 2007 – nº 26; *Julieta, a Menina Maluquinha* (Humm! Que delícia) novembro 2007 – nº 28; *O Menino Maluquinho* (E aí?! Vai ficar parado?) setembro 2007 – nº 26; *Julieta, a Menina Maluquinha* (Que desanimação é essa?) setembro 2007 – nº 26 e *Junim* (De olho na panela) setembro 2007 – nº 03.

⁶ Cf. Sankoff (1988b); Pintzuk (1988); Guy (1998) Guy; Zilles (2006); Naro (2003); Scherre; Naro (2003).

4.1. Polaridade da estrutura

Como ilustra a tabela 1, a polaridade afirmativa favorece o uso do modo indicativo, confirmando a hipótese de que o imperativo na polaridade afirmativa estaria mais associado às formas do indicativo, enquanto que a polaridade negativa estaria associada às formas do subjuntivo. Em nossa pesquisa, constatamos uma grande concentração de enunciados imperativos associados às formas do indicativo na polaridade afirmativa com peso relativo de .53 que é relativamente próximo ao ponto neutro. No entanto, a diferença entre a polaridade afirmativa e a polaridade negativa (de .34) é estatisticamente relevante. Segundo Sankof (1988a apud SCHERRE; 2003), “é a comparação entre os efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais”.

Tabela 2: Polaridade e imperativo associado ao indicativo.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Afirmativa	233/309	75.4%	.53
Negativa	11/28	39.3%	.19
Total	244/337	72.4%	

Conforme vimos nos resultados expostos, a polaridade negativa não apresenta apenas enunciados imperativos associados à forma do subjuntivo. Conforme esboça o próximo item (*polaridade negativa*), veremos os contextos em que o uso do modo imperativo na polaridade negativa favorece as formas associadas ao indicativo.

4.1.1. Polaridade negativa

A polaridade negativa (no uso do modo imperativo) no português brasileiro, segundo Scherre, Cardoso e Lunguinho (2005, p. 506), “não há restrição absoluta”, já que tanto o imperativo associado ao indicativo quanto ao subjuntivo “podem ser negados” como ilustram os exemplos em (7) e (8):

(7) Não **deixa**, Bocão! (*Pedala, Maluquinho!*)

(8) *Não saia* daí, garoto! Já volto (*E aí?! Vai ficar parado?*)

Nas sentenças imperativas na polaridade negativa, como ilustra a tabela 2, há desfavorecimento quanto ao uso do verbo associado à forma indicativa com peso relativo de .19 e frequência global de 39.3%. Em outras palavras, a polaridade negativa favorece a forma associada ao subjuntivo para os enunciados imperativos como representam os exemplos (9) e (10):

(9) *Não se preocupe*, por que eu já encontrei uma solução! (*Que desanimação é essa?*)

(10) *Não dê* um pio! Finja que está invisível! (*Agarrem essa planta!*)

Pesquisas apontam, contudo, que há um aumento de enunciados imperativos associados ao indicativo na polaridade negativa em:

1) Estruturas com negação pós verbal

(11) *Liga não!* Ele é animado assim mesmo! (*Agarrem essa planta!*)

(12) Se *preocupa não* é só a gente... (Adaptado de *E aí?! Vai ficar parado?*)

2) Estruturas com dupla negação

(13) *Não esquenta não*, filha! Eu dou um jeito! Tome um dinheiro para ir ao cinema!
(Adaptado de *Que desanimação é essa?*)

(14) *Não se atrasa* para o almoço *não*, hein filho? (Adaptado de *Agarrem essa planta!*)

4.2. Ausência e presença (tipo) de clítico

A ausência de clítico na língua para expressão variável do modo imperativo é mais abundante do que a presença. Dos enunciados imperativos que se apresentaram na forma do

indicativo, 226 foram sem uso de clítico, ao passo que a presença de clítico *me* somam 14 e a presença de clítico *se* apenas 4.

Na tabela 2, podemos notar que a presença de clítico *me* aparece como grande favorecedora da forma associada ao indicativo, seguida da variável ausência de pronome com peso relativo igual a .50 (no ponto neutro). A presença de clítico *se* é desfavorecedora da forma associada ao indicativo, porém apresenta 33.3% das ocorrências nessa variante.

Tabela 3: Tipo de clítico e imperativo associado ao indicativo.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Ausência	226/308	73.4%	.50
Me	14/17	82.4%	.63
Se	4/12	33.3%	.15
Total	244/337	72.4%	

Os enunciados em (15), (16) e (17) apresentam a variação entre a ausência e presença (tipo) de clítico nas formas associadas ao indicativo.

(15) **Xá** ver... (*Caçadores de etê!*)

(16) *Me dá!* Me dá a bola aqui! (*Agarrem essa planta!*)

(17) Não *se atreva* a me olhar desse jeito! (*Caçadores de etê!*)

Vale ressaltar que, no uso do clítico *me*, a posição foi, em todas as ocorrências, proclítica. No uso do *se*, contudo, encontramos 1 ocorrência de ênclise **Mexa-se!** (*E aí?! Vai ficar parado?*) em enunciado associado à forma do subjuntivo:

No português falado no Brasil, Scherre, Cardoso e Lunguinho (2007, p. 507), observam que, “há forte restrição de ocorrência de imperativo verdadeiro [*associado ao indicativo*] com clítico depois do verbo”. Segundo os autores, estruturas como em (18) não são usuais:

(18) **Ajuda-me** aqui, Juju! (Adaptado de *Que cabelo doidão é esse?*)

Em enunciados com uso de ênclise, “observa-se o imperativo auxiliar [*associado ao subjuntivo*], em número relativamente baixo de ocorrência, mas com tendência muito regular”, como se vê em (19), (20) e (21):

(19) **Dê-me!** (Adaptado de *Pedala, Maluquinho!*)

(20) Ô Maluco! **Coloque-se** no lugar dele! (Adaptado de *Que cabelo doidão é esse?*)

(21) Não o **deixe** trocar a tua cara, mãe! (Adaptado de *E aí?! Vai ficar parado?*)

Ademais, segundo os autores citados, “mais curioso ainda é o fato de haver tendência crescente de substituição do pronome oblíquo pelo pronome da forma reta depois do verbo e presença marcante da forma imperativa [...] *associada ao indicativo*”, como ilustram os exemplos abaixo:

(22) Tá! Mas **deixa eu** escolher, hein? (*Agarrem essa planta!*)

(23) **Beija ela!** (Adaptado de *Caçadores de etê!*)

4.3. Paradigma verbal

Diferentemente da pesquisa de Cardoso (2007) outras pesquisas apontam que os verbos regulares são fortes favorecedores para a expressão variável do imperativo associado ao indicativo.

Tabela 4: Paradigma verbal e imperativo associado ao indicativo.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Regular	211/276	76.4%	.54
Irregular	33/61	54.1%	.30
Total	244/337	72.4%	

Como revela a tabela 3, os verbos regulares tiveram frequência de 76.4% no uso do imperativo associado à forma indicativa com peso relativo de .54 (próximo ao ponto neutro).

Scherre (2003, p. 12-4) analisa o comportamento do paradigma verbal não só pela regularidade ou irregularidade. Ela analisa o tipo de oposição entre a forma indicativa e subjuntiva e do paralelismo fônico da 1ª conjugação no uso do imperativo na forma indicativa.

4.4. Conjugação verbal

Os verbos terminados em –ar, ou seja, os de 1ª conjugação, como representa a tabela 4, são os que mais apareceram em nosso *corpus* com um total global de 75.7% e são também os que mais favorecem as formas associadas ao indicativo em enunciados imperativos. Ao contrário deste, os verbos de 2ª e 3ª conjugações desfavorecem o uso do imperativo associado ao indicativo com pesos relativos de .20 e .31, respectivamente.

Tabela 5: Conjugação verbal e imperativo associado ao indicativo.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
1ª Conjugação	203/255	79.6%	.58
2ª Conjugação	14/34	41.2%	.20
3ª Conjugação	27/48	56.2%	.31
Total	244/337	72.4%	

Os exemplos em (24), (25) e (26) apresentam verbos das três conjugações em enunciados imperativos associados à forma indicativa:

(24) Ah, não! **Conta** uma inventada por você! (*Agarrem essa planta!*)

(25) **Diz** aí... essa minha idéia de colocar o skate embaixo foi ótima, né? (*Agarrem essa planta!*)

(26) É! **Vai** indo, vai! (*Agarrem essa planta!*)

5. Variação linguística em Histórias em Quadrinhos brasileiras

Assim como as HQ do menino Maluquinho, Região Sudeste, os diálogos da Turma da Mônica⁷, também da região Sudeste (cf. ANDRADE; MELO; SCHERRE; 2007) e os diálogos do Fala Menino, região Nordeste apresentam contexto discursivo exclusivo do pronome *você*. Diferentemente destas, as HQ da Turma do Xaxado, também na região Nordeste⁸ é de uso predominante do pronome *tu* com 82.6% e desses há o predomínio do *tu* sem concordância 71.4%.

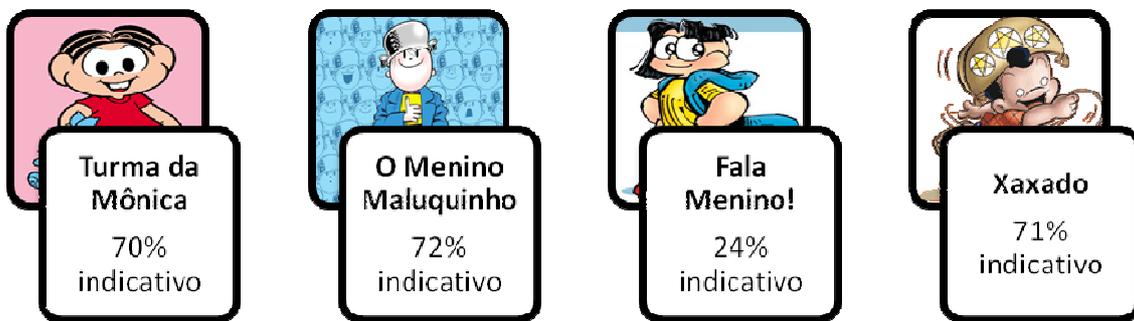


Gráfico 1: Imperativo em Histórias em Quadrinhos brasileiras.

Como simula o gráfico acima, a expressão variável do imperativo se manifesta em maior parte pelo indicativo em HQ da região Sudeste: Turma da Mônica e Menino Maluquinho, 70% e 72% respectivamente e os autores são de São Paulo e de Minas Gerais e na região Nordeste: Turma do Xaxado, 71% representando o interior da Bahia, já que o autor é natural de Miguel Calmon e criado em Jacobina, também no interior da Bahia representado em suas histórias em quadrinhos: dados muito parecidos com dados de fala de zonas rurais da Bahia (70% de indicativo), Santo Antonio de Jesus (56%) e Poções (84%) esta última geograficamente mais distante de Salvador a capital da Bahia e mais próxima ao Estado de Minas Gerais (zona dialetal de indicativo), enquanto que Santo Antonio de Jesus está mais próxima da capital, Salvador (28%

⁷ Vale ressaltar que contamos somente os dados da década de 00 do século XXI (com Chico Bento e seus companheiros), já que, os diálogos das outras HQ são da mesma década.

⁸ Dados com diálogos do Fala Menino! e da Turma do Xaxado já estão sendo coletados. Contaremos com mais de três mil tirinhas de cada autor que vêm sendo publicadas diariamente há mais ou menos uns 11 anos no Jornal A Tarde da Bahia.

de indicativo, cf. ALVES; ALVES; 2005; SAMPAIO; 2001), “assim está mais susceptível à influência dialetal dessa zona” (SANTOS; 2007b). Já na região Nordeste: Fala Menino (24% de indicativo) há diferença e a provável justificativa é a naturalidade soteropolitana do autor, já que, este nasceu e foi criado em Salvador.

A região dos autores das HQ, como vemos, está claramente atuando para a variação da expressão variável do imperativo singular no Brasil, refletindo as regiões que eles representam. Por tanto, o gênero história em quadrinhos é uma grande fonte de pesquisa para o entendimento da expressão variável do imperativo e outros fenômenos linguísticos.

6. Palavras finais

Ao fim de nossas análises, percebemos, a partir do uso global, que a forma mais presente nos diálogos das HQ do Menino Maluquinho em enunciados imperativos é a forma associada ao indicativo com 72.4% das ocorrências. Ademais, percebemos que as variáveis independentes influenciam no uso de uma forma ou de outra: indicativo ou subjuntivo em maior ou menor escala a depender da variável como veremos a seguir:

1. Polaridade da estrutura: a polaridade afirmativa favorece fortemente no uso do indicativo com peso relativo muito próximo ao ponto neutro (.53) e a polaridade negativa inversamente desfavorece com peso relativo de .19, porém, em alguns contextos seu uso é licenciado, como: negação pós-verbal e dupla negação.

2. Ausência e presença (tipo) de clítico: neste ponto, percebemos que a presença do clítico *me* favorece largamente o uso do imperativo associado ao indicativo com peso relativo igual a .63 seguido de ausência de pronome na estrutura com peso relativo de .50 (no ponto neutro), ao contrário destas, a presença de clítico *se* na estrutura desfavorece em tal uso com peso relativo igual .15. Vale ressaltar que só encontramos um caso de ênclise.

3. Paradigma verbal: percebemos, neste fator, que os verbos regulares e irregulares estão atuando como fator relevante para a variação no uso do modo imperativo, revelando que os verbos regulares são os que mais favorecem as formas associadas ao indicativo (.54) e que os verbos irregulares desfavorecem tal uso (.30).

4. Conjugação verbal: o fator conjugação verbal se revelou, também, como atuante para a variação no uso do imperativo associado ao indicativo, com a 1ª conjugação como grande favorecedora com peso relativo igual a .58 e as demais conjugações: 2ª e 3ª conjugações desfavorecem, .20 e .31 respectivamente.

5. Localidade do autor: percebemos que o Autor das histórias em quadrinhos do Menino Maluquinho utiliza formas associadas ao indicativo em enunciados imperativos, representando a região de Minas Gerais, já que, este é natural de Caratinga em Minas Gerais e comparando suas HQ com as de outros quadrinhistas, percebemos que cada um representa sua localidade.

Concluimos, portanto, que formas associadas ao indicativo em enunciados imperativos estão presentes nos diálogos das HQ de duas regiões do Brasil: duas do sudeste, Minas Gerais (72.4%) e São Paulo (70%) e duas da região nordeste, as duas da Bahia, uma de Jacobina (71%) e outra de Salvador (24%). Revelando, deste modo, que os escritores dessas histórias representam linguisticamente suas regiões (conforme comprovam as pesquisas com língua falada no Brasil), ou seja, o recorte geográfico está presente, também, nas HQ brasileiras.

Referências bibliográficas

ALVES, Aiala Paloma Oliveira; ALVES, Jeferson. Norma e uso – O imperativo na língua falada culta e popular dos soteropolitanos. In: *Anais do 1º Encontro Interdisciplinar de Cultura e Educação*. Salvador: Faculdades Jorge Amado, 2006a.

ALVES, Jeferson. A expressão variável do imperativo nas tiras do "Menino Maluquinho". In: *Caderno Seminal Digital*. Rio de Janeiro: Edições Dialogarts, v. 6, p. 84-94, 2006.

ALVES, Jeferson. A expressão variável do imperativo singular em o “Menino Maluquinho” e sua turma. In: *Anais do Congresso Nacional Abralín em Cena Piauí*. Teresina: UFPI, 2008.

ALVES, Jeferson; ALVES, Aiala Paloma Oliveira. *A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador*. Salvador: Faculdades Jorge Amado, Curso de Letras, Trabalho de Conclusão de Curso, 2005.

ALVES, Jeferson; ALVES, Aiala Paloma Oliveira. O imperativo na língua falada culta e popular dos soteropolitanos. In: *Anais da X Semana de Mobilização Científica*. Salvador: UCSAL, 2007.

ALVES, Jeferson; ALVES, Kleber da Silva. Língua, socialização e diversidade no “português do Brasil”. In: *Anais da IX Semana de Mobilização Científica*. Salvador: UCSAL, 2006b.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica. In: *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, Ano 3 – número 1 – Agosto de 2007.

BAGNO, Marcos. *Ensino de português: do preconceito linguístico à pesquisa da língua*. In: Boletim 25 da ABRALIN. Brasília: UNB, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro. Lucerna 1999, p. 283.

BORGES, Poliana Rossi. Formas imperativas em tiras de jornais paulistas. In: *Estudos Linguísticos XXXIV*. São Paulo. 2005, p. 738-743.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. A variação no uso do modo imperativo nos textos de José J. Veiga. In: *Anais do II Encontro Nacional do GELCO: Intergração Linguística, Étnica e Social*. Brasília: UNB, 2003.

CARDOSO, Daniela. *A expressão do modo imperativo no dialeto gaúcho: uma regra variável*. In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5. N. 9, agosto de 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2002.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo: terceira edição revista*. Nova apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO & MOURA. *Gramática*. 19. ed. [S.l.] : Ática, 2002.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário brasileiro Globo*. 12. ed. São Paulo: Globo, 1989.

GUY, Gregory R. Varbrul; análise avançada. In: NEUSA, Matte (Org.). *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. 1998. p. 27-49. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles.

GUY, Gregory R; ZILLES, Ana Maria Stahl. *Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2006.

JESUS, Étel Teixeira de. *O nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino*. Brasília: UNB. Dissertação de mestrado 2006. (Inédito).

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.

LABOV, William. What can be learned about change in progress from synchronic descriptions? In: SANKOFF, D. & CEDERGREN, H. (eds.) *Variation Omnibus*. Canada, Linguistic Research, Inc. p.177-99. 1981.

MATTOS, Geraldo; MEGALE, Lafayette. *Português: 2º grau*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1990.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo de. *Tu e você no português afro-brasileiro*. Comunicação apresentada no VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação e XXIV Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. 1988.

REIS, Mariléia. A noção de estilo no uso variável do imperativo como ato de fala manipulativo: operacionalização de um modelo descritivista de análise. In: GORKI, Edair; MITTMANN, Maryualê M.; FREITAG, Raquel M. Ko (orgs.). *Workshop Abordagens Funcionais da Língua: Temas de Pesquisa*. [Anais] [recurso eletrônico]. Florianópolis, 2005, UFSC/CCE/CPGL.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.

ROST, Andrea Cláudia. “Mapeamento dos contextos de atuação de “olha” e “veja””. In: GORKI, Edair; MITTMANN, Maryualê M.; FREITAG, Raquel M. Ko (orgs.). *Workshop Abordagens Funcionais da Língua: Temas de Pesquisa*. [Anais] [recurso eletrônico]. Florianópolis, 2005, UFSC/CCE/CPGL.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. reform. e atual. São Paulo: Atual, 1994.

SAMPAIO, Dilcéia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado. 2001. (inédito)

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press. p.141-60. 1988a.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIR, K. J. (Ed.). *Sociolinguistics – An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, p. 984-998. 1988b.

SANTOS, Lanuza Lima. O uso do modo imperativo no português afro-rural. In: *Anais da 59ª Reunião Anual da SBPC*. Belem: UFPA, 2007a.

SANTOS, Lanuza Lima. O uso do modo imperativo no português rural do Estado da Bahia. In: *Anais da X Semana de Mobilização Científica*. Salvador: UCSAL, 2007b.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p.217- 230 e 242- 251.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. In *Revista Alfa*, São Paulo, 51(1): 189-222. 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. et alli. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. In: (eds.). PARADIS, c. et alli. *Papers in Sociolinguistic*. N.WAVE – 26 à l' Université Laval (Québec): Nota Bene, 1998. pp. 63-72.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. et alli. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico*. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000. pp. 1333-1347.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Et alli. Variação e mudança linguística em revistas em quadrinhos da “Turma da Mônica”. In: *Anais da 57ª Reunião anual da SBPC*, Fortaleza, CE, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Et alli. Variação e mudança linguística em revistas em quadrinhos da “Turma da Mônica”: um estudo em tempo real. In: *Anais da 58ª Reunião anual da SBPC*, Florianópolis, SC, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso – O imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker. (orgs.). *O Português do Brasil-Perspectivas da Pesquisa atual*. (Linguística luso-brasileira, Iberoamericana-Vervuert. 2004. p.231-260).

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; LARA, Gláucia Muniz Proença & MAGAZZO, Maria Adélia (orgs.). *Estudos de linguagem- Inter – relações e Perspectivas*. Campo Grande: UFMS, 2003. p. 177- 191.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos*. A sair em livro organizado por Sebastião Josué e Cláudia Roncarati. Livro em homenagem a Anthony Julius Naro, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. O imperativo gramatical no português brasileiro: uma discussão translingüística. In: *Anais do IV Congresso Internacional da Abralín*. Brasília: UNB, 2005. P. 503-9.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolingüística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003. p. 147-177.

SMANIOTTO, Giselle Cristina. *A expressão variável do imperativo nas histórias em quadrinhos: uma análise em tempo real*. 2005. 112. f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade de Londrina, Londrina.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios).

TUFANO, D. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. São Paulo: Moderna, 1997.

WEINREICH, U; LABOV, W. & HERZOG, M. I. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change. Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press. p.97-195. 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.